# O tema do Regresso da Alma em Agostinho - 06/09/2021

\_De como o conflito existencial não é uma oposição corpo-alma, mas uma luta da  
alma consigo mesma\*\*[i]\*\*\_  
  
\*\*Crítica à Purificação da Alma e ao Platonismo\*\*. Agostinho investiga o tema  
do \_regresso da alma\_[ii] cuja tese principal é a de que \_o corpo é um cárcere  
da alma\_ , ou seja, a alma aspira voltar ao seu lugar de origem por não fazer  
parte de sua natureza estar nesse mundo presa a um corpo.  
  
Agostinho se posiciona contra a condenação da natureza corpórea e sua crítica  
ao neoplatonismo dá novo sentido a ideia de regresso da alma, trazendo grande  
repercussão da Idade Média, só equiparada ao aristotelismo redescoberto pelos  
árabes[iii]. Se o platonismo, principal ascendência agostiniana e influência  
cristã, era um esforço de busca da verdade que implicava na \_purificação da  
alma\_ [relativa ao corpo], quando o critica, Agostinho mostra que o  
cristianismo é a única e verdadeira filosofia.  
  
\*\*Crítica ao maniqueísmo\*\*. Porém, é de Platão que Agostinho se vale para se  
opor ao maniqueísmo que rejeitava as coisas inferiores por atrair as vontades  
e, nesse sentido, o mal, já que o filósofo grego tinha nelas um [mero] ponto  
de partida para o acesso desse mundo sensível e corruptível e, de certa  
maneira negado, para o verdadeiro mundo superior.  
  
O maniqueísmo frisa a dualidade e transforma o mal em uma substância,  
naturalizando-o, ao mostrá-lo presente na natureza. Essa posição traz um erro  
acerca da natureza da mediação entre corporal e espiritual, sensível e  
inteligível e trazendo um mundo já carregado de mal.  
  
\*\*A concepção agostiniana: reunião corpo-alma\*\*. Se, mesmo citando o \_Livro da  
Sabedoria\*\*[iv]\*\*\_ que apregoa que "um corpo corruptível pesa sobre a alma", o  
projeto agostiniano é de uma reunião saudável entre corpo e alma, integridade  
saudável, mas também significando a salvação humana.  
  
No livro \_Cidade de Deus\_ , se há relação de opressão do corpo sobre a alma,  
isso não significa um conflito de naturezas em que o mal encontraria sua causa  
em algo alheio à vontade humana. Para Agostinho, na verdade o conflito é um  
sintoma, uma desordem da natureza em relação à ordem natural do império da  
alma sobre o corpo. Ou seja, se essa ordem não ocorre, é preciso restabelecê-  
la.  
  
\*\*Evitar todo o corpo\*\*. Mesmo filosofias de um princípio (não dualistas)  
trazem a origem do mal fora da vontade e a purificação da alma passando pelo  
controle das paixões. Entretanto, em sua nova análise, Agostinho enfatizará a  
dissociação clássica entre corpo e alma legada da tradição, como na Eneida em  
que o pranto de Eneias não denuncia sua alma, isto é, há uma manifestação  
corpórea dissociada da alma, que a escusa.  
  
Do ponto de vista dos estoicos e do platônico Porfírio, as impurezas do corpo  
contaminam a alma e são elas as paixões, o desejo, o medo, a alegria, que  
devem ser evitadas para o encontro com Deus. E tal condenação da  
exterioridade, compartilhada por Agostinho, pode dar força ao maniqueísmo em  
nova naturalização do mal. Então, em seu projeto, Agostinho procura  
\_neutralizar moralmente as paixões\_ , argumentando que elas não são  
intrinsecamente boas ou más. Ou seja, evitando o maniqueísmo, o projeto  
agostiniano condena a exterioridade, mas sem substancializar o mal e se  
posicionando contra a tese de que a carne é a prisão da alma.  
  
\*\*Vontade como alternativa entre o bem e o mal\*\*. No Cidade de Deus, as  
paixões são encaradas como diferentes vontades cuja espécie independe, haja  
vista seu valor moral (amor bom e desejo mau). Isso porque há uma fluidez do  
vocabulário entre bons e maus amores, etc. e neutralizam-se as paixões pois  
essas dependem de um valor moral, de que coisas que a vontade elege ou  
aborrece (coisas que devem ou não eleger, etc.). Essa inflexão agostiniana, se  
não é um elogio das paixões, redefine o vínculo delas com o mal e mostra que  
são só vontades.  
  
\*\*Condição peregrina\*\*. Todavia, as paixões devem ser analisadas na  
peregrinação da vida humana, pois são sintomas da nossa \_condição decaída\_.  
Advém daí que um exilado tem paixões e não se pode negligenciar a sua miséria,  
pois ele vive nesse mundo que não é sua terra natal, estando aquém da  
integridade da natureza humana.  
  
Em sua análise, na Cidade de Deus, Agostinho enfatiza as memórias de outra  
vida e, se aqui tememos e desejamos, sofremos e gozamos, se afeições retas,  
são privativas dessa vida. E é daí que se insurge o problema da moral: não de  
um aparente conflito do corpo com a alma, mas da alma consigo mesma, já que a  
queda é causada por uma \_livre decisão da vontade\_ , quando ela entrou em  
contato consigo mesma[v].  
  
É uma tempestade interior, uma rixa da alma contra si mesma: ela comanda o  
corpo que obedece, mas comanda a si mesma que resiste. A alma ordena que a  
alma queira, mas ela mesma não obedece, seria soberba? Por detrás da ideia de  
regresso da alma há uma \_tirania do corpo sobre a alma\_ , mas um poder  
contrário à natureza, causado pela alma própria ter produzido a sublevação do  
corpo (na queda). Então, a alma não deve se divorciar, mas se reunir com o  
corpo de forma íntegra para superar o conflito da carne que, oriundo da  
decorrência moral e não dos movimentos do corpo[vi].  
  
\*\*A Metafísica da Criação\*\*. É pela decomposição do ato criador que Agostinho  
explica a natureza alma corpo. Em um primeiro ato tem-se a criação de um algo  
diferente de Deus, depois dá-se a esse outro os traços de semelhança com o  
criador. Se o outro é a \_matéria\_ sujeita à alteridade, a \_forma\_ impõe a sua  
marca. E, sendo cada corpo matéria e forma, também o é a alma racional,  
enquanto matéria diferente de Deus, mas é Deus enquanto racional. Se o  
primeiro ato gera um outro, a forma convoca o outro de volta a origem, em um  
chamado para se reaproximar do criador.  
  
\*\*A nova roupagem do regresso da alma\*\*. A alma humana tem o livre-arbítrio,  
pois é a imagem de Deus [que é livre] e é ela que deve comandar o homem no  
regresso, mas em uma condição peregrina. De posse da condição decaída, é  
preciso recuperar a saúde do corpo que deve regressar com ela, mas não ela  
liberta dele. Ressalta-se que, na metafísica agostiniana, a alma não é a forma  
e o corpo não é a matéria, embora haja um primado dessas relações, pois é a  
alma que escolhe, sendo mais próxima da forma de Deus e o corpo, sendo mais  
próximo da matéria, pois mais alteridade com relação a Deus.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Resenha de <https://www.youtube.com/watch?v=DkIh1\_Gk7r4>, professor Moacyr  
Novaes. Em 06/09/2021.  
  
[ii] Influenciado pela obra homônima de Porfírio.  
  
[iii] Frise-se, aqui, que Agostinho de Hipona – um clássico e vivente da  
antiguidade tardia, não só elabora, como transforma o que recebeu da  
antiguidade grega (Platão, Aristóteles, Plotino e Porfírio) e romana (Cícero,  
Salústio e Virgílio).  
  
[iv] Conforme <https://pt.wikipedia.org/wiki/Livro\_da\_Sabedoria>, O \_Livro da  
Sabedoria\_ (ou Sabedoria de Salomão) é um dos maiores livros deuterocanônicos  
da Bíblia. Possui 19 capítulos e é considerado o volume companheiro do  
Eclesiástico. (...) Ele ensina a verdadeira sabedoria que conduz a uma vida  
justa e à felicidade.  
  
[v] Não se nega a consciência do conflito, mas ela é atribuída à própria alma.  
Isso fica claro à luz das confissões agostinianas, da sua experiência pessoal  
e luta travada por ele, que pode nortear sua tomada de posição nesse tema  
presente.  
  
[vi] Moacyr ressalta que a domesticação das paixões não é negação do livre-  
arbítrio. Isso porque é preciso estar ciente da tirania do corpo e não se  
culpar, como uma renovação do “Conhece-te a Ti Mesmo”: um diagnóstico da alma  
racional dividida em relação a si mesma.